

Priscila Costa Oliveira¹

VOZ VIVA ESCUTA CANSADA: MODOS DE PENSAR E FAZER UMA ESCRITA COMPULSADA

LIVING VOICE, TIRED
LISTENING:
WAYS OF THINKING AND
MAKING COMPULSE WRITING

VOZ VIVA ESCUCHA CANSADA:
FORMAS DE PENSAR Y HACER
ESCRITURA COMPULSIVA

Resumo

Este texto é um fragmento da pesquisa em andamento intitulada *Conversas Pulsantes: fala e escuta como prática artística*. Tem como objetivo investigar e propor modos de pensar e fazer uma escrita compulsada a partir dos trabalhos *Disparadores de conversação*; *Plantando escuta*; *Orelha Dormente / Escuta cansada* e *podcast VERSAR* do núcleo de escutas e conversas da minha produção artística dos últimos quatro anos, em direção a uma arte verbal, sonora, pública e participativa, que considere a especificidades da vocalização e da escuta a partir de experimentações e exercícios que possibilitam um trânsito entre voz e escrita viva. Para tanto, utilizo referenciais teóricos artísticos de arte contemporânea, de cantoria, sócio filosofia e de escutas cotidianas.

Palavras-chave: voz viva. escuta cansada. escrita compulsada. oralidade. vocalização.

Abstract

This text is a fragment of an ongoing research entitled *Pulsating Conversations: speaking and listening as an artistic practice*. Its objective is to investigate and propose ways of thinking and writing based on the works *Triggers of conversation*; *Planting listening*; *Orelha Dormente / Tired listening* and *VERSAR* podcast from the listening and conversation nucleus of my artistic production over the last four years, towards a verbal, sonorous, public and participative art, which considers the specificities of vocalization and listening based on experiments and exercises that enable a transition between voice and living writing. To this end, I use artistic theoretical references from contemporary art, street's song, socio-philosophy and everyday listening.

Keywords: living voice. tired listening. writing pulsating. orality. vocalization.

Resumen

Este texto es un fragmento de la investigación en curso titulada *Conversaciones pulsantes: hablar y escuchar como práctica artística*. Su objetivo es investigar y proponer formas de pensar y escribir a partir de las obras desencadenantes de la conversación; *Plantar escucha*; *Oído dormido / La escucha cansada* y el *podcast VERSAR* desde el núcleo de escucha y conversación de mi producción artística de los últimos cuatro años, hacia un arte verbal, sonoro, público y participativo, que considera las especificidades de la vocalización y la escucha a partir de experimentos y ejercicios que posibilitan una transición entre la voz y la escritura viva. Para eso utilizo referencias teóricas artísticas del arte contemporáneo, el canto de la calle, la sociofilosofía y la escucha cotidiana.

Palabras-llave: voz em vivo. escucha cansada. escritura pulsante. oralidade. vocalización.

¹ Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/Udesc), Bolsista no Programa UNIEDU/FUMDES Pós-graduação.

Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/2958488344739206> , ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6413-963X>, E-mail: priscilacostaoliveiraarte@gmail.com

A experiência, e não a verdade é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.
Jorge Larrosa

Este texto é um coletor de ações artísticas que são construídas em relações de diálogos com as várias ouvintes e interlocutoras. Onde propondo um trânsito ziguezague (palavras, frases, e/ou séries de linhas e brechas, flexuosas, que formam alternadamente ângulos agudos e obtusos, salientes e reentrantes) que avançam entre voz e escrita. Tem por objetivo versar sobre os modos de fazer e pensar uma escrita compulsada a partir de falas fisgadas em conversas e escutas da minha produção dos últimos quatro anos. São elas: *Disparadores de conversação; Plantando Escuta; Oreilha Dormente / Escuta Cansada, podcast Versar e Conversas sobre conversas: oralidade na arte contemporânea.*

A partir de um fragmento da pesquisa *Conversas pulsantes: fala e escuta enquanto prática artística*² busco investigar e ampliar os modos interseccionais de teorias e processos de arte verbal, sonora, pública e participativa, que considere especificidades da vocalização e da escuta a partir de experimentações e exercícios que possibilitam uma torção ou desvio entre voz e escrita viva. Para tanto, proponho a intersecção da palavra falada e palavra escrita como um pulsar, onde há uma série de questões, tais como: como manter uma voz viva na escrita? Como transformar ou transbordar uma conversa em texto? Como transcrever ou transcriar³ (CAMPOS, 2011) a fala cotidiana em produção artística? Como propor uma conversa pulsante, mexida, remexida e enredada? No espaço voz viva / escuta cansada, o que podemos encontrar? Como propor uma conversa infinita? Para tentar respondê-las trago para escrita vozes de outras artistas e autores. Produções artísticas e teóricas que se debruçam a pensar voz, escuta, escrita e leitura, como Glória Anzaldúa, Adriana Cavarero, Raquel Stolf, Regina Machado, Humberto Maturana, entre outros.

Em 2018, comecei a escrever ensaios com a regra de escrita compulsar. Compulsar é escrever a partir da extração de notas dos referenciais bibliográficos, somados a frases/palavras ouvidas em ações/conversas, misturadas e enredadas a textos autorais e regurgitadas em outra escrita. Assim, faço cópias, parafraseio autoras e por vezes, chamo-as de forma direta para a conversa, quando sinto necessidade de nomear essa garganta-presença. Garganta-presença nos textos oralizados que continuam a pulsar. Glória Anzaldúa em sua carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo, intitulada *Falando em línguas*, publicada em 1980, anuncia a visceralidade da

2 Pesquisa desenvolvida no Doutorado do PPGAV/UDESC na linha de Processos Artísticos Contemporâneos. Sob orientação da Dra. Maria Raquel da Silva Stolf.

3 Termo cunhado por Haroldo de Campos sobre a poética e semiótica da operação tradutora "A tradução como transcrição é o pôr em poesia da poesia" (CAMPOS, 2011, p. 60) "A reconfiguração da estrutura do texto pela transcrição redetermina-lhe a função como seu "horizonte de sentido" (o "extratexto" do original, via de regra situado numa dada conjuntura do passado, sofre a interferência do "extratexto" do presente de tradução pelo qual ele é "lido"). Essa interferência na determinação do "sentido do sentido" (a "função" que o texto traduzido é chamado a preencher num novo contexto) afeta por sua vez o processo pelo qual, segundo Iser, "o texto se converte em objeto imaginário, na consciência de seu receptor" (CAMPOS, 2011, p. 55 e 56)

escrita ao dizer que “Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos — chamo isto de escrita orgânica” (ANZALDÚA, 2000, p. 234). Ela aponta que aquilo que é evocado pelo texto se metamorfoseia alquimicamente em outra coisa e o valor da sua escrita é medido pela maneira como ela se coloca no texto e pelo nível de nudez que é capaz de revelar. O compulsar é essa escrita orgânica que acontece nas entranhas da vida cotidiana sem uma forma ou formato definido ou definitivo. São palavras que vão sendo ouvidas, lidas e digeridas sem um cronograma prévio, até o momento de serem regurgitadas.

Às vezes, conversas antigas serão expelidas no texto que escrevo hoje, de vez enquanto, no meio da escrita o carteiro chama para entregar uma encomenda e fala uma palavra chave que vai compor o texto, por vezes são noites de sofrimento tentando escrever duas linhas. O compulsar é algo que nos atravessa e às vezes nos atropela. O compulsar é o estar vivo, é o inacabado, é a pulsão da vida. A conversa, a fala e a escuta quando acionadas são capazes de construir ou destruir realidades. Em Teoria dos Atos de fala, John Austin anuncia que todo dizer é um fazer (AUSTIN, 1962), apontando a palavra falada como ação transformadora de acontecimentos. Ela muda a situação atual do corpo conversador. Ela é uma construção em rede, que se expande e reforça o corpo político social. A conversa é um falar [com] e não um falar [a]. Falar [a] alguém significa não ouvir, ou seja, a palavra falada [a] está mais próxima ao discurso [hierárquico] e falar [com] a uma conversa [horizontal]. A escrita compulsada segue o mesmo sentido de falar [com]. A escrita compulsada é uma escrita [com], sempre coletiva, sempre vozes plurais que entram em sintonia e dissidências do ouvido aos dedos. Às vezes quando uma palavra entra no corpo ela precisa ser levada de um lado para o outro, até ser digerida. A palavra assim como alimento exige tempo do nosso corpo, tanto a que entra pelo ouvido quanto a que sai pela boca.

Propor um falar [com], escutar [com] e escrever [com] é uma prática absolutamente comunitária e coletiva. Prática que pode ser entendida como arte, mas não pode ser limitada ao campo da arte, pois ela existe na medida do seu transbordamento e na capacidade de se transformar sempre em outra coisa. Se existe uma característica no método compulsar e na conversa que deve ser levado em consideração ao nosso campo de atuação é a capacidade de produzir sem capitalizar. A improvisação, os novos significados atribuídos, o recorte e colagem que substituem os contextos anteriores e criam novos jogos combinatórios fazem a escrita compulsada ser uma escrita viva que é ativada e modificada a cada leitura e as vozes que as compõem são todas transportadas com ela, não como propriedade, mas como presença da própria palavra. O que a palavra fala sobre si mesma?



Fig. 1 Priscila Costa Oliveira, Disparadores de conversação, 2018.

Vista da exposição Conversativa da 14ª Bienal de Curitiba no espaço NACASA coletivo, Florianópolis/SC. Fonte: arquivo da artista.

Desde 2013, proponho armadilhas para que meus trabalhos continuem a disparar conversas, falas e escutas, mesmo se captados por outra pessoa ou instituição, mesmo que eles sejam instalações, *site specific*, fotos, curadorias ou áudios. Ativar uma ação é fundamental para pulsão desses trabalhos. Na verdade, o fundamento participativo é exatamente passar de uma mão a outra, de uma boca a outra, de um ouvido ao outro, se mantendo vivo. Por exemplo, a série *Disparadores de conversação* de 2018, são painéis coletores de palavras/frases fisgadas em conversas e leituras. A série é composta por 25 Impressos em papel pólen tamanho 21 x 21 cm. Uma tiragem é fixada na parede e outras tiragens são distribuídas ao público gratuitamente como convite a performarem conversas em outros espaços. *Os Disparadores de conversação* são conversas possíveis, enunciados que podem ser ativados pelo público não necessitando da presença da artista. Em outras palavras, a conversa que antes foi ativada por mim com o público agora é ativada pelo público com outras pessoas. Uma conversa infinita ativada pela escrita compulsada.



Fig.2 Priscila Costa Oliveira, Disparadores de conversação, 2018.

Vista da exposição Convers[a]tiva da 14ª Bienal de Curitiba no espaço NACASA coletivo, Florianópolis/SC. Fonte: arquivo da artista.

Os textos não são acompanhados por nenhum tipo de identificação. Não há título, nem ano ou nome da artista. O texto passa a ser da pessoa que o detém e assim por diante, passando de mão em mão, sem autoria. Cada pessoa tem autonomia para criar outras combinações, outros escritos ou imagens. Nesse sentido, vale trazer a esta escrita um fragmento da história da frase “ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”⁴, conhecida na voz do artista visual e cantor Belchior na música Alucinação, de 1976. Hoje revivida na voz de Emicida, Majur e Pablo Vittar como um *sampler* na música AmarElo. O que não se sabia até os últimos meses é da sua origem. Que agora se sabe ser das cantigas de Rua de Zé Limeira.

Nascido no século 19, ele não deixou nada escrito, não teve a sua voz gravada. Tudo o que se sabe sobre ele foi passado de boca a boca ao longo de gerações. Cantores e artistas utilizaram suas frases, entraram em diálogo e confronto com elas. O escritor e pesquisador Astier Basílio fez o rastreamento desse verso através de testemunhos e depoimentos até chegar à sua origem que levou a Zé Limeira, hoje co-

4 Expresso Ilustrada [Locução de: Lucas Brêda e Isabella Menon] Saiba como surgiu o verso ‘ano passado eu morri’. Produção Folha de São Paulo. 20 de maio de 2021 às 16 horas. Disponível em: < <https://omny.fm/shows/expresso-ilustrada/saiba-como-surgiu-o-verso-ano-passado-eu-morri#description> > Acesso em: 25 de maio de 2021.

nhecido como poeta do absurdo por fazer versos sem lógica. Limeira nasceu quando a escravidão ainda era vigente, era poeta negro que foi artista de arte marginalizada (ASTIER BASÍLIO, 2021). Ele era conhecido no meio da cantoria, na poesia popular oral do nordeste, cantava nas ruas, nas feiras, muitas pessoas passavam por ele e reproduziam suas palavras e frases livremente em outros lugares como músicas, poemas, peças teatrais, etc. Repetiam e continuavam repetindo pela via da memória, pela oralidade. Seus versos não foram registrados de maneira formal até 1973 quando Orlando Tejo escreveu sobre ele e dedicou um capítulo inteiro para contrapor a vanguarda brasileira, e nesses escritos Tejo ficciona, insere ideias próprias para criticar as libertações formais trazidas pela semana de arte de 22 e acrescenta palavras e versos nunca saídos da boca de Limeira, em outras palavras, a organicidade das palavras de Limeira se mantem viva através da composição de outras bocas e corpos. Orgânico no sentido de ser espontâneo ao mesmo tempo em que se auto-organiza. Elas foram compulsadas durante décadas, se mantendo vivas de uma voz a outra, de uma escrita a outra. O biógrafo Jotabê Medeiros diz que Belchior pode ter visto o verso no livro o Poeta do Absurdo de Tejo e travado um diálogo com Zé Limeira, no entanto, Belchior nunca fez referência a Zé Limeira. Trago esse fragmento de história como exemplo de uma voz viva e escrita compulsada, que não se sabe ao certo quem disse ou se foi dito. Embora Belchior não tenha creditado Limeira, Medeiros (2017) enfatiza que isso é uma intertextualidade, ele trava um diálogo e isso não pode ser chamado de plágio. Ele não está tirando autoria de ninguém e sim colocando novamente em circulação um tema que hoje ganha novo significado e tensionamento, ou seja, continua pul-sando.



Fig.3 Priscila Costa Oliveira, Disparadores de conversação, 2018.

Vista da exposição Convers[a]tiva da 14º Bienal de Curitiba no espaço NACASA coletivo, Florianópolis/SC. Fonte: arquivo da artista.

Quem compulsua, edita. Edita vozes, palavras, respiração, sensações e emoções. Em 2018, dei início a um projeto de arte sonora/verbal, o podast VERSAR⁵, onde mulheres são convidadas a ler em voz alta outras mulheres. Com episódios semanais,

⁵ Ver em: www.podcastversar.com

a plataforma colaborativa cria um arquivo que torna acessível à escuta, de maneira gratuita, a produção de mulheres artistas, poetisas, escritoras, pesquisadoras, mães, ativistas, etc. As convidadas estão diretamente envolvidas na produção de pensamento crítico e de criação poética e, por meio da leitura, apresentam o trabalho de mulheres que fazem parte de seus referenciais teóricos, políticos, afetivos e poéticos. Assim através do ritmo das vozes dessas mulheres, dos seus traquejos, dos ruídos dos ambientes onde elas vivem, das vozes chorosas, risonhas, fortes ou apreensivas, busco promover um reconhecimento da contribuição das mulheres para o universo artístico e literário, contribuindo com a produção de conhecimento de maneira geral. Pois um dos objetivos do VERSAR é compartilhar essas leituras e textos com pessoas que não podem ter acesso a esses livros, como por exemplo, pessoas não alfabetizadas ou que possuem algum tipo de impedimento para realizar leituras. Em tempos não pandêmicos o versar também toma forma de instalação sonora em espaços como salões de beleza, salas de espera, bares e restaurantes.

Hoje somos mais de 60 mulheres que leram mais de 150 mulheres. De lá para cá, as vozes, seu timbre, as pausas, as respirações, as gírias e o sotaque de cada uma passou a fazer parte do meu dia-a-dia e a estarem inseridas nos meus textos. Sinto a voz delas impregnadas no meu corpo, no meu ouvido e nos meus dedos. A filósofa Adriana Cavarero diz que “a voz não engana. Sempre única e reconhecida, como tal, ela não é dissimulável”. (CAVARERO, 2011, p. 39) E assim, podemos sentir na leitura de cada uma das mulheres suas dores e paixões, suas pausas para pensar ou folhear o livro e até mesmo os silêncios seguidos de respiração profunda de quem pensou algo não previsto. O que temos quando produzimos um podcast é uma voz viva, mesmo que seja abstrata quando a escutamos. Abstrata no sentido de ser mediada por um dispositivo online e não um corpo presente. Desde seu início, o VERSAR funciona de maneira remota, assim, posso convidar e escutar mulheres do Brasil e do mundo inteiro. Portanto, essas vozes plurais trazem consigo diferenças vocálicas que me lançam sobre uma questão ética de pensar a edição dos episódios de uma maneira que não interfira nas características ambientais de onde a leitura é feita, tampouco nas características da voz de quem lê.

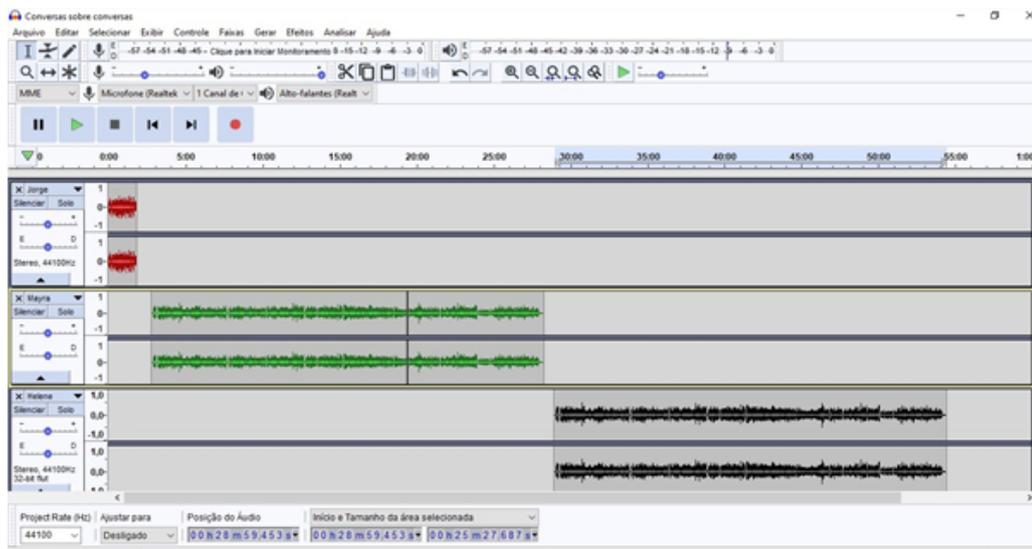


Fig. 4 Priscila Costa Oliveira, registro da página de edição do podcast *Conversas sobre Conversas*: oralidade na arte contemporânea da Escola Abreviada, 2021. Fonte: arquivo da artista

Ao editar, o episódio *Conversas sobre conversas* para *Escola Abreviada*⁶, programa gravado (remoto e síncrono) via plataforma zoom no dia 19 de abril às 19 horas, com a participação das artistas Helene Sacco com a fala *A escuta da casa*, onde falou sobre afeto e resistência através da escuta; Mayra Redin com *A escuta da escuta*, analisando a escuta presencial/próxima e a escuta em tempos pandêmicos e Raquel Stolf sobre *Conversa de ar, Escuta Sob*, compartilhando questionamentos e produções sobre escutas, silêncios e pausas. Ao escutar a conversa gravada posteriormente me deparei com a questão: Seria eu uma editora de conversas, de vozes? Lidando com as poças sonoras criadas pelas falhas de conexões das conversas on-line? Silêncios como poças-pausa como diria a Raquel Stolf e falhas como borrachas que apagam palavras no ar como diria Paulo Bruscky⁷, ou como diria Cildo Meireles “A oralidade é o suporte ideal para o trabalho de arte: ela não só é prescindida da posse do objeto como é de fácil transmissão e expansão social” (SCOVINO, 2009, p. 13) Então, com a edição, essas falas foram mexidas, remexidas, torcidas, enredadas, para posteriormente serem publicadas. Em outras palavras, o que chega ao ouvinte é uma conversa compulsada. Nesse sentido é importante lembrar que a escuta dos programas de podcast exigem uma escuta ativa, ou seja, uma intencionalidade de escuta, da qual lembra o que a Adriana Cavarero fala do gozo vital que é a voz ao expressar que

[...] o ouvido alheio é, de fato, capaz de perceber todo prazer que essa voz põe na existência: na existência como voz. O prazer de dar uma forma própria às ondas sonoras faz parte da autorrevelação vocálica. A emissão é gozo vital, sopro acusticamente perceptível, no qual o próprio modela o som revelando-se como único.
(ADRIANA CAVARERO, 2011, p. 19)

⁶ Projeto coordenado pelo artista Jorge Bucksdricker. Projeto realizado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura/Artes – Edição 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHNXud5oWE&t=1040s>

⁷ “Borrachas para apagar palavras - ouça o que quiser e apague (no ar) o que não interessa” - é uma das poesias sonoras de Paulo Bruscky publicado nos classificados de jornais do Brasil.

É interessante pensar que cada voz tendo sua energia própria, dá forma às ondas sonoras, desenhando ou se inscrevendo no espaço visual de maneira muito particular. No final de cada fala, as convidadas fizeram uma proposta de exercícios e as ouvintes podem responder a essas provocações em formato de áudio, os áudios são adicionados ao fim do episódio para ir compondo esse programa como uma conversa infinita. Na versão final do programa temos falas, leituras, conversas, peças sonoras-etc. O programa foi um exercício para pensar como podemos tocar outras pessoas com a nossa voz? No espaço-entre voz viva/escuta cansada o que podemos encontrar? Como propor conversas fiadas, afiadas e infinitas? Como experienciar uma conversa que escapa? Como a palavra ocupa o espaço (físico e virtual)? A voz viva sendo uma forma-força (ZUMTHOR, 2018) pode ser um lugar de resistência e afeto? Como se forma uma conversa de ar e uma escuta sob? Como escutar a escuta?

<https://www.youtube.com/watch?v=wHNXxud5oWE>

Áudio. 1. Conversas sobre conversas: oralidade na arte contemporânea.

Fonte: Canal do youtube do Arquivo Abreviado

Entendo que os textos, áudios e imagens que produzo são práticas ou ações sempre inacabadas, sempre em vias de fazer-se, portanto, os entendo como procedimentos e não como categoria ou produto. As conversas, falas, escutas e escritas compulsadas não são só o assunto ou tema, mas a operação, o procedimento falado, verbalizado, oralizado, transcrito ou transcriado. Quero abordar a conversa e oralidade na arte não com o sentido restrito, mas como uma abordagem colaborativa pensada junto com várias outras artistas e pensadoras que tem essa prática em seus processos de criação, por isso, o formato *podcast* me é caro, pois assim como o rádio o *podcast* resgata um sentido de comunidade, ele se apresenta como uma mídia alternativa às mídias de massa, portanto, valoriza a voz do quarteirão com seus traquejos, gírias, o localismo com seu sotaque, o acesso ao mundo não visual, portanto, um estímulo à imaginação, traz uma comunicação íntima e particular de pessoa a pessoa, com um público específico, ele exige uma escuta ativa o que torna a ouvinte parte da comunidade do programa (ASSIS, 2014). Ao mesmo tempo em que é comunitário e local, o *podcast* também pode ser ouvido em qualquer lugar a qualquer hora, não se prendendo aos limites temporais e espaciais. Assim, lembro-me da conversa com a artista Raquel Stolf (ÁUDIO 1) onde ela comenta que o cansaço que temos com as videoconferências e outras mídias de voz hoje se dá pela quantidade de pessoas que nos comunicamos diariamente. Quantas vezes escutamos por dia? Imagina se quando surgiu o telefone nós conversássemos por telefone com 10 pessoas ou 15 no mesmo dia? Nossa escuta estaria cansada, como hoje, pois hoje com as redes sociais a demanda de escuta é alta e constante, conversamos por áudio ou texto com diversas pessoas de múltiplos espaços sociais (família, trabalho, estudos). Nesta perspectiva, desde que comecei a investigar a escuta e conscientemente ativá-la para perceber suas várias intenções, comecei a ficar com a escuta cansada. Até um dia, depois de escutar muitas pessoas em uma ação artística, adormeci no sofá e acordei com minha orelha dormente, minha orelha se tornou a parte do corpo que

mais pesava (similar à sensação de um pé quebrado) e durante 5 horas percebi intensamente a minha orelha. O corpo ficou consciente da presença da orelha.

ORELHA DORMENTE – ESCUTA CANSADA

*Você sente a orelha dormente com frequência?
Já sentiu queimação nas orelhas após uma conversa?
Você tem câimbra nas orelhas quando passa muito tempo ouvindo uma pessoa?
Já sentiu formigamentos após ouvir uma notícia?
Sente dor na orelha quando escuta palavras destruidoras?
Já sentiu uma dor aguda, como uma pontada ou agulhada ao escutar algo?
Suas orelhas doem quando você escuta?
Já sentiu que não pode mais escutar?
Você sente que os sintomas têm piorado nos últimos meses?
Talvez você sofra de orelha dormente e escuta cansada.
Quando alugo meus ouvidos minha orelha adormece*

<https://anecoica.org/orelha-dormente-escuta-cansada/>
Áudio. 2. Orelha dormente escuta cansada, 2020.
Fonte: Anecoica.org

Na conversas sobre conversas (ÁUDIO 1) a artista Raquel Stolf questiona como seria se tivéssemos a memória do bocejo dos nossos avós? Como seria ter um álbum de família sonoro? Ela ainda pergunta durante a proposição do exercício tele escuta tele escrita (ÁUDIO 1) de que sons você tem saudade?. Está pergunta como um disparador de memórias saudosas nos põe na busca por aquelas vozes que não ouvimos mais. Talvez na tentativa de acompanhar o desenvolvimento do linguajar da minha filha e não perder as transformações que da sua voz de bebê para voz de criança-etc., passei a gravar nossas conversas durante as brincadeiras, almoço e hora de dormir. Produzindo algo similar a um álbum de família sonoro como proposto por Stolf (2021). Gravei seus choros, risadas e questionamentos desde que ela começou a se comunicar através dos sons, ou seja, desde seu nascimento. Em 2019 gravei e apresentei *O germinar das palavras* na *Conversa de ar* durante a exposição *Pão e Pedra, Palavra-Miragem* de Raquel Stolf e em 2021 publiquei o áudio em formato de texto, transcrevendo e transcriando a voz da Maria Flor para a publicação *Quebra-cabedário*⁸ - projetos sob nonsense de Anna Stolf. Ao converter o áudio para texto ele perde características da voz, a leitura é sempre performática e individual. Só lendo, desconhecemos as risadas, a entonação de surpresa pela descoberta, o barulho das letrinhas dentro da caixa. Por outro lado, ganhamos informações visuais que nem sempre nossa imaginação consegue produzir, como materializar o que seria a letra T fugindo ou a letra M de celular. No livro *Dicionário* a Marila Dardot diz que "O alfabeto é um convite a uma arte combinatória em que tudo é, ao mesmo tempo, já dado e ainda por vir" (DARDOT, 2017, p. 5) Em sua obra as palavras estão por todas as partes, assim como, o nosso cotidiano está cheio de matéria-prima (ALEKSIÉVITCH, 2016) da fala pronta para ser trabalhada, editada, transformada.

⁸ Ver em: <https://issuu.com/quebracabedario>

Nesse aspecto, *O germinar das palavras* é uma peça sonora da série *Plantando Escuta* que busca aguçar o ouvido adulto à escuta do linguajar das crianças - numa relação de aproximação que nos leva a navegar o mundo pela palavra e seus significados. A oralidade como um espaço autogerativo, e labiríntico, que permite novas configurações e combinações, uma extensão ou subversão da própria linguagem. O reconhecer das letras pela Maria Flor de 4 anos (ÁUDIO 2) se dá numa ordem fora da ordem alfabética onde vão sendo germinadas/plantadas as letras e suas significâncias *nonsense* que aos poucos organizam-se. É no nascer do linguajar que o mundo de combinações vão tomando sua (des)forma alfabética. Criando outros jogos combinatórios.

E ao fisgar essas escutas passei a me perguntar: Como manter um alfabeto criança? Em qual momento perdemos o eu-alfabeto? A sequência das letras e palavras deve ser mais importante que o ritmo? Regina Machado no livro *A arte da palavra e da escuta* nos diz que o “Era uma vez...é um tempo verbal compartilhado pelas histórias populares, pelas crianças pequenas e pelos artistas” (MACHADO, 2015, p.41), desde modo, fisgo as filosofias, os questionamentos na voz da Maria Flor e ficciono, mexo e remexo, até estar tão entranhada na transcrição que não consigo mais identificar o que foi dito por ela ou inserido por mim, assim como aconteceu com o verso ano passado eu morri, em que não é possível saber o que é de Zé Limeiro, de Orlando Tejo ou de Belchior, o que acontece numa escrita compulsada é uma transcrição (CAMPOS, 2011). Já não é mais aquilo, é outra coisa.

<https://www.podcastversar.com/plantandoescuta>
Áudio.3 Maria Flor. Plantando escuta, 2020.
Fonte: plataforma VERSAR

*graveta graveta graveta
eu sou graveta
e você é um graveto⁹*

Tornamo-nos humanos no linguajar¹⁰ (MATURANA, 1999), no manifestar do estar junto, na presença do outro, no reconhecimento e legitimação da vida do outro. É no linguajar que afirmamos nossa condição biológica, ética e política. É no domínio das relações com o outro que tem lugar a responsabilidade e a liberdade como formas de viver

Ao fluir o nosso emocionar num curso que é o resultado de nossa história de convivência dentro e fora da linguagem, mudamos de domínio de ações, e, portanto muda o curso de nosso linguajar e de nosso raciocinar. A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar eu chamo conversar, e chamo conversação o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar.

9 Cantorias da Maria Flor registrada no Diário da Maria Flor - parte integrante da pesquisa: *Conversas Pulsantes: fala e escuta como prática artística*

10 Maturana utiliza o termo “linguajar” e não “linguagem”, reconceitualizando esta noção, enfatizando seu caráter de atividade, de comportamento, evitando, assim, a associação com uma “faculdade” própria da espécie, como tradicionalmente se faz (MATURANA, 1999, p. 21).

(MATURANA,1997, p. 172)

Nesse sentido, acredito que as palavras nos deixam numa certa deriva, sem saber a quem pertencem, mas que fundam lugares de conversação. Como nas ações acionadas pela artista carioca Eleonora Fabião com práticas radicalmente urbanas e relacionais nas ruas do Rio de Janeiro em 2018. E a paulista Ana Teixeira que com duas cadeiras, um estandarte com a frase “escuto histórias de amor” e um cachecol vermelho de tricô em produção, permanece nas ruas a disposição de conversas relacionadas ao amor. Já em Teatro dos Ouvidos (NOVARINA, 2011) as palavras se aventuram a sair da boca e a ocupar espaços que através de uma arte da fuga vai e volta fazendo seus textos avançarem por repetições e variações, fazendo o leitor levantar a voz para leitura e experimentar, propondo que seus textos/peças sejam lidos em voz alta, fazendo as palavras tomarem conta do espaço, tornando a palavra uma forma de presença, o que nos leva ao Rumor da Língua de Roland Barthes que diz

A palavra falada é irreversível, tal é a sua fatalidade. Não se pode retomar o que foi dito, a não ser que se aumente: corrigir é, nesse caso, estranhamente acrescentar. Ao falar, não posso usar borracha, apagar, anular; tudo que posso fazer é dizer “anulo, apago, retifico”, ou seja, falar mais. (BARTHES, 2004, p.93)

Barthes e Novarina lançam um vasto desejo por conceber todas as línguas: Novarina foca “ao fato de uma língua conter todas as línguas possíveis. Inclusive e principalmente aquela que se pensa ouvir ao falar.” (NOVARINA, 2011, p.15) E Barthes, diz que “ainda que conseguisse falar a mesma linguagem o dia todo, quantas linguagens diferentes ele é obrigado a receber?” Para esta pesquisa é elementar pensar, investigar e experimentar quantas vozes e escutas são possíveis em uma mesma conversa ou o que a voz traz que o texto escrito não traz? Como fazer para manter a voz na escrita e no escrito? O que contém na fala e na escuta, na leitura e na escrita que nos levam a tomar certas decisões de edição que as mantem ou a suprimir determinados fragmentos? É preciso enfatizar que “O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber” (ROSA, 2001, P. 40).

Para concluir este texto e não a conversa, busco desafiar minhas próprias curiosidades e limites em relação à edição de uma escrita compulsada, deixando que cada voz viva capturada (da Maria Flor, das convidadas do *podcast VERSAR* ou das pessoas que participam das ações em espaços físicos) me indague, retruque, provoque, assim cada pessoa que se envolve com as leituras e escutas podem criar suas próprias ressonâncias e repercussões. Balançando e movimentando essas palavras faladas e escritas ao sabor do vento. Portanto, a escrita compulsada é uma voz que carrega muitas outras vozes. É uma escrita viva que continua pulsando a cada nova experiência de leitura que não apela apenas para o raciocínio lógico, mas para o modo vibratório do corpo. São palavras endereçadas a pessoas que se permitem pensar, sentir, imaginar, perceber e intuir o texto, seus espaços de respiração. É um lugar que se assemelha as cantorias de rua, com uma poética simples, mas não simplificadora. É uma proposta de conversa ressonante que fisga e convida quem lê a ser participante

ativo da leitura e levar à escrita e as vozes para outros contextos.

Referências:

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulheres**. Tradução do russo por Cecília Rosas. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AUSTIN, John L. **Sentido e percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer – Palavras e Ação**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

AUSTIN, John L. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. Tradução de Flavio Terrigo Barbeitas. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011.

DARDOT, Marilá. **Dicionário**. Organização Rodrigo Moura; Colaboradores: Ana Martins Marques; Fabio Morais; Gonçalo M.Tavares. Coleção Ponto e Virgula, São Paulo, Ikrek, 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LARROSSA, B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. IN: RANCIÈRE, Jacques. **Sobre políticas estéticas**. Trad. por Manuel Arranz. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. Editora Reviravolta, São Paulo – SP, 2015.

MAIA, Carmen. **Cildo Meireles**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, p.19.

MATURANA, H. VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos o humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

NOVARINA, Valère. **O teatro dos ouvidos**. Tradução Angela Leite Lopes. Rio de Janeiro. 7 letras, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ROSA, J. Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SCOVINO, Felipe. (Org.). **Cildo Meireles**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SITES/PODCAST

Expresso Ilustrada [Locução de: Lucas Brêda e Isabella Menon] **Saiba como surgiu o verso 'ano passado eu morri'**. Produção Folha de São Paulo. 20 de maio de 2021 às 16 horas. Disponível em: < <https://omny.fm/shows/expresso-ilustrada/saiba-como-surgiu-o-verso-ano-passado-eu-morri#description>> Acesso em: 25 de maio de 2021.

Podcast VERSAR. **Plantando Escuta**. Produção Plataforma VERSAR. Disponível em: < www.podcastversar.com/plantandoescuta> Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

Arquivo Abreviado [Locução de: Priscila Costa Oliveira]. **Conversas sobre conversas**: oralidade na arte contemporânea. Entrevistadas: Helene Sacco, Mayra Redin e Raquel Stolf. Produção: ESCOLA ABREVIADA por Jorge Budesdrick, Florianópolis/SC. 17 de maio de 2021. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=wHNXxu-d5oWE&t=1040s>> Acesso em: 17 de maio de 2021.

Anecoica. Publicação e Audioteca. **Orelha Dormente / Escuta Cansada**. Produção: Anecoica.org. 2020. Disponível em: <<https://anecoica.org/orelha-dormente-escuta-cansada/>> Acesso em: 15 de março de 2021.